

# Cientismo, Antropolatrismo e Niilismo

**Subsídios para uma interpretação da questão da técnica em Leonardo Coimbra em a «Rússia de Hoje e o Homem de Sempre» - 1.<sup>a</sup> parte \***

«O exclusivismo da vontade técnica parece ser a monstruosa forma da consciência humana hipnotizada, num dado período histórico, pelo vertiginoso crescimento das suas possibilidades de acção material.»

Leonardo Coimbra, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*

«A fidelidade ao sentido da Terra de Nietzsche acorda em nós, a simpatia, porque somos Terra também: são nossos ossos irmãos do dorso montanhoso do planeta; corre em nosso sangue a água que nele é o mar — o seu imenso coração — lançando, pelos rios, em suas veias a revitalização do seu imenso e vigoroso corpo.»

Leonardo Coimbra, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*

## § 1. *Introdução: do tema da técnica como questão da filosofia*

O tema da técnica não é um tema central na reflexão filosófica. No entanto, ele permite aceder às questões mais prementes da filosofia, as do compromisso do homem na sua funda-

---

\* Este trabalho foi, com algumas modificações, inicialmente apresentado no Seminário de Filosofia e Cultura em Portugal no âmbito do Curso de Mestrado em Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa no ano lectivo de 1987-88. É, por isso, devedor da orientação do Prof. Doutor Francisco da Gama Caeiro e de todos aqueles que comigo trabalharam.

mental e essencial relação com os outros, com o Mundo e com a Transcendência. A técnica, naquilo que envolve de processo do conhecer e do agir, acaba por reflectir o modo de ser do homem, a sua existência, a esperança e o temor, o desprezo ou o desespero. Neste sentido, também concordamos com Heidegger na ideia, a nosso ver decisiva, de que a essência da técnica não é algo de técnico, mas antes uma questão da ontologia fundamental que se inscreve no histórico esquecimento ocidental do Ser. Deste modo, liberta-se a interrogação das mãos dos especialistas (o duma alternativa técnica à técnica, de substituição de técnicas pesadas por técnicas leves não-poluentes) para o campo da filosofia, tornando-a mais universal, profunda e radical, permitindo um necessário debate participado.

Por outro lado, a reflexão filosófica sobre a técnica tem, de há uns tempos para cá, um progressivo acréscimo de interesse pela sua urgência e condição de, por ela e através dela, se pensar a própria salvação ou perdição do género humano, a manutenção do valor da vida humana na sua identidade original.

Em Leonardo Coimbra, a técnica não é também o problema central. Mas é um problema pensado, umas vezes dispersamente, outras vezes dum modo mais articulado e esclarecedor. E é também uma questão que decorre de aspectos centrais da filosofia de Leonardo. Tudo indicando que, desde o início, apesar de não ser explícita e longamente tratado, a técnica e os aspectos técnicos do mundo moderno não são esquecidos, antes curiosa e criticamente sentidos. É assim que surpreendemos em *O Criacionismo-síntese filosófica* a seguinte passagem, num momento em que Leonardo nos fala do criacionismo como um bem, um sinal de optimismo e reacendida esperança de encontro a Deus:

«A vida moderna é uma dispersão assustadora. A alma não se recolhe, vive em permanente exteriorização. Não há vida interior. Um vento de tempestade espalhou as almas e lançou a vida em vertiginosa corrida de ambição e loucura. O presente é um importuno a afastar-nos dum ambicionado futuro, fugindo sempre, como as miragens, diante dos nossos precipitados passos. O lar, o abrigo das ternuras reconfortantes, perdeu-se na vertigem da vida moderna, toda de ruído, ambição e desesperado movimento.

A pátria, esse reduto de fecundas tradições e elos de solidariedade, é uma ficção palavrosa, ou uma terrível voracidade de fauces arreganhadas para ambicionadas presas. A humanidade—uma vaga aspiração de alguns vagos filósofos. O Universo—uma terrível mole, sob o peso da qual o homem soçobra e definha.»  
[*Obras de Leonardo Coimbra*, vol. 1, p. 393]

Este quadro sobre a vida moderna que Leonardo nos dá é essencialmente caracterizado pela desarticulação, pela quebra de relações: dispersão e exterioridade, como se uma constante tempestade expusesse a alma para fora de si mesma, lançando-a numa vertiginosa corrida. Ainda quebra de relações pela ausência de perspectiva acerca de totalidades essenciais: pátria, humanidade e universo são reduzidos a fantasias, destruindo a tradição e a solidariedade que os constituem. Esta situação da vida moderna é, deste modo, completamente contrária a uma perspectiva relacional e social que está no íntimo da filosofia de Leonardo Coimbra. Não poderia, portanto, deixar de estar presente como elemento do pano de fundo das interrogações leonardinas, a questão da sociedade moderna e da sua estrutura técnica, desde logo num dos primeiros textos.

O objectivo do nosso trabalho é apurar e reflectir sobre os interessantes apontamentos que Leonardo Coimbra nos dá sobre a técnica na última obra completa da vida do autor: *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, concretamente a primeira parte, e também como a reflexão sobre a técnica dá passagem a aspectos fundamentais da filosofia leonardina que, no âmbito deste trabalho, ficam apenas enunciados<sup>1</sup>

## § 2. A técnica e o cientismo

Sem nos dar uma definição clara daquilo que entende por técnica, Leonardo oferece-nos, contudo, uma figura explícita do que é para ele o técnico na sua relação com a matéria:

«O técnico é o homem para quem a matéria nada mais oferece ao trabalho da sua modelação que a resistência e as qualidades previstas; o homem que povoa o universo de

<sup>1</sup> O texto utilizado é o que consta das *Obras de Leonardo Coimbra*, org. Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello & Irmão, 1983, (vol. 1).

simples arranjos desta matéria e nada mais encontra de essencialmente real que a sua vontade dominadora, estendendo as formas da sua acção sem limites.» [713-4]

Nesta caracterização do técnico, a ideia que nos surge como principal é a de que, subjacente ao trabalho do técnico, está uma redução da matéria a algo resistente com qualidades previstas e que, no contacto com o universo, aquilo que é essencialmente real é a sua vontade de domínio. A matéria é assim o material que se opõe ao homem, que resiste a uma vontade de domínio, numa acepção próxima da que surge com Heidegger no seu ensaio sobre a essência da técnica. O universo é desprovido de todas as suas qualidades, restando-lhe apenas as que são previstas, funcionando para a possibilidade de serem dominadas. Mas donde é que advém esta concepção redutora da matéria e do Universo?

Para Leonardo o tecnicismo, o imperialismo da técnica, na sua histórica imposição que remonta a Galileu e a Descartes, é um sucedâneo do cientismo, duma autolatria da ciência:

«O cientismo pode ainda degradar-se e fazer-se tecnicismo — duma ciência, que quase já só interessa pelas aplicações, até ao interesse da tecnologia das aplicações sem referência sequer à ciência-origem. E o culto do progresso, do indefinido acréscimo do bem-estar e das comodidades materiais.» [706-7]<sup>2</sup>

O tecnicismo é a ciência voltada apenas para as suas aplicações num plano em que se perde de vista o próprio horizonte original do conhecer. Porque situados numa perspectiva meramente pragmática, tecnicismo e cientismo criam a própria ideia ilusória dum progresso que se reflecte nas conquistas de ordem material. E por isso mesmo o mundo deveria ser reduzido a um material disponível a um posicionamento humano simplesmente usufrutuário. O cientismo é uma cultura redutora e imperialista. Redutora do mundo que passa a ser um depósito de propriedades para o acometimento do homem; e redutora

<sup>2</sup> Cf. também a este propósito outra passagem de Leonardo:

«Abaixo ainda [dos empiristas e materialistas extremos], ficarão os vulgarisadores, que juram em nome da ciência que só conhecem pelas suas aplicações técnicas, pelas suas estrondosas vitórias na conquista da matéria — e eis o *cientismo* ou idolatria da ciência.» (p.681)

do homem porque este, se vê apenas como um ser que sabe para agir, agir que deve submeter a própria verdade<sup>3</sup>. Imperialista na medida em que, de elemento da cultura<sup>4</sup> a ciência pretende passar como espaço que esgota a totalidade da cultura, fim obsessivo da cultura humana e dum homem empobrecido pela imagem que de si tem devolvida pelo cientismo.

«A ciência passa de uma das formas da cultura ao exclusivismo da cultura, e é o cientismo; de instrumento da acção humana passa a fim, subordinando à sua forma de conhecimento todo o conhecimento à sua forma de acção — o domínio sobre o inerte — toda a acção. Deste modo teremos o *homo sapiens*, no sentido estrito da palavra, como verdadeiro tipo de homem e, em frente dele, uma natureza oferecida à sua onipotência dominadora.» [705-6]

O que preocupa Leonardo Coimbra são os exclusivismos, os imperialismos, a imposição duma perspectiva única sobre aquilo que deve ser radiantemente imagem/reflexo da diversidade. Por isso o bem e o mal residem no entusiasmo pela ciência, que faz do mundo moderno o mundo da ciência, predicado exclusivo que afunila o próprio mundo<sup>5</sup>. O que está em causa não é a ciência só por si. O que deve ser posto em causa é o momento em que a ciência, a partir da sua vocação conquistadora, se pretende instalar como interpretação metafísica e dogmática, quando invade um terreno que não é o seu, mas para o qual pretende ser a única e válida palavra.

«O caso de Galileu é já um encontro polémico, um ensaiar de armas duma ciência conquistadora e audaciosa. De disciplina de conexão dos fenómenos e *figuração* do real converte-se em metafísica impertinente e dogmática. Audácia juvenil, em si simpática, mas prenhe de indefinidas

<sup>3</sup> «Saber para actuar, mais que saber para contemplar e amar. Se um certo pragmatismo veio dar à ciência maior capacidade de acção, mais velocidade no progresso, aquele amor da verdade e do real limitar-se-á em favor deste poder de acção.» (p. 698)

<sup>4</sup> «...imperialismo do querer científico, inteiramente desviado do seu verdadeiro destino de elemento da cultura para exclusivo cultural.» (p. 682)

<sup>5</sup> «O bem e o mal do mundo moderno é o seu entusiasmo e amor da ciência. Começado pela expansão gloriosa da vontade científica, impondo-se directamente pelo desenvolvimento da ciência e indirectamente pela filosofia, é o mundo moderno o mundo da ciência.» (p. 704).

audácias exorbitantes. Tal é a tendência da razão científica a fazer-se o *tipo* da razão humana: afirmando directamente do ser o que sabe do fenómeno, e exercendo indirectamente, por intermédio da filosofia, decisiva influência sobre toda a cultura moderna.» [684]

O que há a discutir não é a existência duma razão científica: isso é um facto indiscutível da cultura. O acontecimento perigoso para a metafísica, o mesmo é dizer para o homem, é o imperialismo dessa razão, a sua pretensão o único modelo da razão. O que é paralisante para a reflexão metafísica é a validação da razão apenas nos termos definidos por essa razão científica. Uma razão que acaba por colaborar no esquecimento ontológico fundamental, confundindo o ente com o Ser, reduzindo este ao fenómeno. Mas o fenómeno da ciência não é a manifestação fulgurante do Ser, o seu intermitente vir-à-luz, a luminosidade acolhedora do seu desvelamento. O fenómeno é apenas a figura resultante dum quadro teórico produtor, o esquema geral que suporta a previsão, de modo a garantir antecipadamente a eficacidade do querer e agir humanos.

«Assim o ideal da ciência é reduzir todo o afluxo dos fenómenos a uma teoria das transformações, que mais esperanças possa dar a uma efectiva inserção do nosso querer, prevendo e realizando ...» [695]

Dentro desta ideia, Leonardo Coimbra afirmará num outro contexto que «o mundo parece sair, com efeito, do pensamento do sábio»<sup>6</sup>. Entre o homem e as coisas do Mundo, interpõe-se o cientismo e o seu séquito de representações, dificultando o acesso a uma realidade mais original e fundante, criando a ilusão da vizinhança com o Ser pela captação, ainda pobre, do ser representado. Como os prisioneiros da caverna...

### § 3. Técnica a antropolatrismo

Mas estas indicações levam-nos para outro aspecto que caracteriza a técnica e o cientismo: — trata-se do humanismo antropolátrico:

<sup>6</sup> Cf. p. 705. Neste contexto, Leonardo Coimbra referir-se-á ao construtivismo kantiano e a sua revolução copernicana. A atenção da ciência em relação ao objecto será sempre e ainda no âmbito dum objecto captável e construído pelo homem.

«Por outro lado, a atenção, voltada mais para o *objecto* da ciência, cujas vitórias materiais darão, conforme o *objecto-modelo*, os vários imperialismos da matéria, da raça, da vida — visa como modelo sempre exclusivista, o postulado, implicado em todo o pensamento moderno, da univocidade do ser. Mas sempre esse *objecto* será um objecto científico, captável pelo homem, e, mais que captável, susceptível de ser construído a partir dos elementos últimos, que o homem conhece, domina e orienta. Imperialismos, porque cada *objecto-modelo* domina e esgota a realidade; mas humanismos, porque é o homem que os determina, conhece, articula e desarticula, governando e dirigindo toda a realidade. Imperialismo afinal do homem ou humanismo antropolátrico.» [705]

Temos assim o cientismo que reduz a realidade ao objecto da ciência, mas que acaba também por operar e traduzir uma forma exaustiva de humanismo, onde «o homem começa a aparecer como centro do mundo e da realidade»<sup>7</sup>, porque crê desmesuradamente nas capacidades que o seu querer científico lhe oferece. Por isso, o antropolatrismo «é o reflexo no vulgo duma excessiva estima da cultura científica»<sup>8</sup>.

Este humanismo antropolátrico não é, deste modo, mais do que o homem orgulhoso e sobranceiro, auto-suficiente na contemplação de si mesmo e das suas conquistas. Nesta odisseia, faz de si próprio norma da realidade e do Ser, mas deixando de escutar a Voz profunda da origem, atordado pelos cantos de sereia do progresso material.

Conquista da terra e do espaço (que Leonardo antecipa dum modo impressionante)<sup>9</sup>, da vida e da sua manipulação, vitória científica da redenção: tais são os aspectos extremados de que o nosso autor se serve para caricaturar esse humanismo. Mas o perigo, esse, é bem real.

<sup>7</sup> Cf. p. 656.

<sup>8</sup> Cf. p. 682.

<sup>9</sup> «Deste minúsculo planeta vão partir, minuto a minuto, domados todos os adamastores, os pilotos das astronaves, sulcando o espaço, levando colonos para os novos mundos e de astro em astro, ondas irradiando cantam a suprema vitória do homem, enchendo da sua presença todos os mundos, inundando do eco da sua voz os espaços, que os longes infundáveis dos tempos conheceram tenebrosos, frios e mudos... Eis o universo, planificado em humanismo...» (p. 720).

«Estes são os extremos lógicos dum puro humanismo de suficiência, dum homem que se basta a si mesmo e faça da sua consciência o registo único da luz universal, do seu verbo, a norma suprema da ordem e do ser. Este humanismo é a audácia dum imperialismo, que contente com as vitórias exteriores da ciência, se esqueceu de perscrutar a alma da própria ciência, e, levado no impulso do assalto, foi à conquista de todas as fortunas, de todos os templos onde se albergavam as seculares esperanças do coração humano.» [720-1]

Este humanismo exaustivo leva à autolatria do homem. O problema da técnica aparece assim ligado a uma dada forma de humanismo, na medida em que este, aliado ao cientismo, coloca o homem como dono e senhor do Universo.

«Outras [formas de humanismo], formas de orgulho dum cientismo, desvio pecaminoso duma ciência (que, encontrando o Universo expresso em ideias, implica uma Inteligência Suprema) esgotando o mistério em explicações meramente humanas, desarticulando o Universo em elementos duma máquina de que o homem será dono e senhor.» [635]

#### § 4. Técnica e niilismo

Mas esta caminhada levanta outras questões:

«Neste nível da concupiscência duma vontade, tombada em insofridos desejos, fica a deificação do homem pela supressão de Deus.» [707]

O humanismo antropolátrico, o imperialismo do homem acaba por levar à dispensa fatal de Deus. O caminho da técnica é, também, o caminho para o deserto, para a solidão das grandes metrópoles da técnica. Daí ser o caminho para o nada. A técnica, o cientismo, o antropolatrismo contribuindo para o esquecimento do Ser são os responsáveis modernos pelo niilismo.

«E depois? A repetição, o eterno retorno dos mesmos gestos e dos mesmos ciclos de Ser. É isto vida? Não; seria a própria matéria inerte dos cientistas, repetindo os movi-

mentos das suas articulações. Que admira que encontremos o nada no fim duma doutrina que suprimiu o ser? O homem faz-se ponto de referência e medida de todo o ser — o final será o nada, pois que o homem não pode dar o ser, nem o pode emprestar para outras realidades. É uma espécie de demonstração por absurdo do niilismo de qualquer antropolatrismo exaustivo.» [722]

Chegamos assim ao cume da «consciência humana hipnotizada» pelo «exclusivismo da vontade técnica», que citávamos em epígrafe. Mas Leonardo Coimbra deixa indicada a possibilidade de salvação perante os limites do delírio conquistador da técnica. Lá onde se indica o perigo efectivo também pode residir o salto em frente ou para cima. Como se este momento histórico fosse etapa necessária para um novo progresso, qualitativamente diferente.

«O cientismo moderno é, para lá e em desvio do querer de caridade da ciência, uma extroversão delirante dum querer implacável. É possível que, nos longes dessa extroversão, um sobressalto de consciência faça sair as cataratas dos olhos do metafísico da técnica, e este veja com horror o imenso deserto de vida, de amor e de alma, em que, vagabundo do espaço e do tempo, ele se vai perdendo. Por agora este homem e este humanismo é triunfante.» [715]

#### § 5. Esboço provisório duma conclusão

Como afirmámos no início o problema da técnica não é um problema central na reflexão de Leonardo Coimbra. E, parece-nos, ao nível daqueles que se têm dedicado ao estudo da sua obra, não tem recebido estudo cuidado essa questão.

Mas chegados ao fim deste nosso curto percurso estamos em condições de afirmar que a técnica e os aspectos técnicos do mundo moderno não podiam deixar de estar presentes no horizonte das preocupações leonardinas: a sua filosofia dá-nos indicações suficientes para pensar os problemas da técnica. Isso surge mesmo logo no início do texto que nos tem conduzido.

A existência humana consiste num sistema de relações com o Universo e a felicidade reside no acordo e harmonia

desse sistema de relações<sup>10</sup>. Nesse sistema o homem ocupa um lugar humilde<sup>11</sup>. E só assim se predispõe para a Graça que penetra a Natureza. Por outro lado, a natureza planificada da ciência é incompatível com a vida<sup>12</sup>. A vida é troca generosa<sup>13</sup> e universal convivência<sup>14</sup>.

Ora são todas estas relações cósmicas que o tecnicismo destrói. O efeito perverso do cientismo e do antropolatrismo reside afinal na destruição deste clima dinâmico de cooperação do homem com a Origem.

O perigo da técnica não consiste nos seus efeitos imediatos, porque, sendo a técnica elemento de mediação, o elemento trágico que transporta prende-se com o esquecimento do Ser, da divina co-presença do homem a Deus.

A filosofia de Leonardo Coimbra é para nós, eminentemente, uma filosofia da liberdade e da libertação através da convivência e colaboração sociais. Liberdade que se dá e se constrói no respeito pela diferença, pela alteridade que a relação salvaguarda, pelos diferentes modos de o Ser se dizer. Não seria por isso coerente o combate à univocidade que o imperialismo da técnica postula?

Caldas da Rainha, Abril de 1988.

*José Carlos S. de Almeida*

<sup>10</sup> «A tragédia do homem está na ignorância de si e do Universo em que vive, ou antes, convive. A sua vida é uma relação, ou melhor, um sistema de relações com este Universo. — A felicidade seria o acordo e a harmonia dessas relações...» (p. 633)

<sup>11</sup> «O lugar do homem é dum certo modo — o modo humilde — o centro da criação.» (p. 645)

<sup>12</sup> «Uma natureza, planificada em real inteiramente dado, é incompatível com a vida ...» (p. 723)

<sup>13</sup> «É que — mais uma vez o afirmamos — só a vida nós queremos, e a vida é troca generosa, e sem fim, de contemplação e amor. A vida só existe, crescendo, fazendo-se *viva*, bebendo na Fonte, matando uma sede com a alegria de renovada e acrescida sede. É que a Vida não é coisa, a Vida verdadeira é ser de liberdade: e liberdade é opção no combate e posse dadivosa e cumulativa na vitória e no resgate.» (p. 722)

<sup>14</sup> «E a vida não é o ser dado em todos os meandros, mas a vida no homem é o ser assimilado, a comparticipação no ser de todos os seres, vida de universal convivência; e a vida do homem quer ser essa universal convivência plena, sem diminuições, nem falências, vivida em toda a sua plenitude, possuída em seu autêntico significado de universalismo, transfigurada em vida alimentada nas fontes da Origem, seja, através dos mundos e das almas, em pleno coração da Caridade criadora.» (pp. 735-6)

«Pour un rien, le dire ça fait Dieu. Et aussi longtemps que se dira quelque chose, l'hypothèse Dieu sera là.»

*Lacan*

«Le concile de Florence (1438-1445) est la conférence du désarmement; en effet, aucune des parties ne refuse le schème de l'adversaire, ... mais les Turcs sont aux portes, Byzance menacée ... et Florence verra la fin du Moyen Age.»

*R. Sublon*

A desintegração do signo parece ser o grande problema da modernidade, dizia R. Barthes em 1968 (*Communications*, n.º 11). Rotura, hemorragia, disseminação, são figuras que dizem adequadamente essa desintegração do signo; todos os quadros mentais, objectos sociais, a questão interna do sentido, da verdade ou da religião são abalados por esta desconstrução, ligada ao fim da era do logocentrismo ocidental e do mono-teísmo. O signo, desconstruído, tornou-se disponível, flutuante, líquido, heterogêneo ao próprio sistema da língua, esvaindo-se desta feita o seu valor referencial material.

O livro de Natália Correia é, a seu modo, um projecto de desconstrução do Deus único da teologia, em nome do politeísmo\*.

Um texto vem-nos às mãos como uma carta que primeiro temos de ler para entendermos o que diz e a que a seguir

\* Natália Correia, *O Armistício*, Dom Quixote, Lisboa, 1985